

## DISCURSOS EM TORNO DO BLOG PETROBRAS – FATOS E DADOS

*Luiz Antônio Cavalcanti Monteiro*  
[luizantoniocavalcanti@gmail.com](mailto:luizantoniocavalcanti@gmail.com)

### ***1. Relembrando o fato***

No início de junho de 2009, o jornal *O Globo* começou a publicar uma série de reportagens que indicavam possíveis irregularidades administrativas na Petrobras, como a de que haveria manobras contábeis para pagar menos impostos. A polêmica levou o Congresso Nacional a criar uma CPI para investigar as práticas da maior empresa da América Latina.

O blog foi uma saída encontrada pela empresa para publicar sua versão dos fatos, alegando que as respostas que dá aos questionamentos dos jornalistas são distorcidas pela imprensa. Os jornais não gostaram: *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, por exemplo, atacaram a ideia sob o argumento de que o blog fere a liberdade de expressão. Esse raciocínio foi rebatido com a tese de que não existe monopólio dessa liberdade, portanto a imprensa não pode declarar-se a única fiel depositária dela.

No espectro mais acadêmico – especificamente dentro da Comunicação Corporativa –, a iniciativa da Petrobras foi saudada pelo professor da USP, Laurindo Leal Filho, como um marco na democratização da comunicação. Em artigo à agência Carta Maior, em 11 de junho de 2009, ele acrescentou que, com o blog, a relação entre fonte e imprensa muda de patamar, e a margem de possíveis manipulações fica menor.

No meio da polêmica, insere-se um personagem às vezes esquecido, mas fundamental na trama: o leitor, este cidadão que tem acesso a informação e uma razoável consciência do que acontece em

volta. Como ele se posiciona? Quais discursos evoca ao defender este ou aquele lado da história?

## **2. Metodologia**

Por que tentar identificar os discursos em blogs, e não em artigos, reportagens e cartas dos leitores? Porque os comentários na internet exibem discursos frescos, recém-saídos dos teclados e do inconsciente do sujeito-autor. Em comparação com as demais mídias, são discursos em estado (quase) puro, pois não são alterados; chegam com toda a carga discursiva da origem.

Há ainda um benefício derivado da limitação de caracteres desses comentários, o que força o autor a ser mais objetivo e claro, permitindo que os discursos se evidenciem com seus lapsos e características mais autênticas. As cartas dos leitores, por exemplo, geralmente passam por edições para evitar ofensas ou adequar o texto ao tamanho disponível, prejudicando qualquer trabalho de AD.

Os marcadores usados para identificar os discursos serão as palavras e expressões porque, como os comentários geralmente são escritos displicentemente, sem observância a normas gramaticais, o texto fica mais impregnado da autenticidade ora encontrada na "língua de internet".

Dessa forma, vemos nessas textualidades, um manancial semântico mais rico. Os termos lexicais serão destacados com sublinhado. Os textos foram copiados para este documento da forma como estavam exibidos no blog, com todos os erros originais, e não sofreram correções.

### 3. *Fundamentação teórica*

Para analisar os comentários do blog, vamos utilizar os princípios da AD francesa, que dá ênfase aos sentidos produzidos pelo texto e pela fala a partir de um processo sócio-histórico, em que o sujeito-autor está forte e inexoravelmente inserido. Trata-se de um modelo adequado para a análise desses comentários de blogs, pois, como será demonstrado, encontraremos exemplos concretos de embates verbais cujas formações discursivas remetem à luta de classes, um dos elementos da vertente marxista que, junto com a linguística e a psicanálise, forma o tripé da AD.

Nascida na década de 60, a AD francesa adentra em questões históricas, filosóficas, sociais e psicanalíticas para estudar o discurso. Dedicar-se a analisar a construção de sentidos a partir da língua, ao passo que a linha anglo-saxã detém-se nos elementos intralinguísticos que constituem o texto, privilegiando-se as relações sintáticas e semânticas e as funcionalidades de coesão e coerência (ERNST, 1999, p. 9).

A ADF mira os marcadores linguísticos para mostrar como a ideologia e os discursos se manifestam pela linguagem. Temos um bom exemplo na citação que Fernanda Mussalin faz de Louis Althusser (2002; p. 104): “A linguagem é o lugar onde a ideologia se materializa”. Isso ficará evidente neste trabalho, guiando-se por estudos e artigos de Aracy Ernst, Fernanda Mussalin, Patrick Charaudeau, Cristina Teixeira Vieira de Melo e Maria Claudia Maia.

### 4. *Análise dos textos*

#### Texto 1

Quem parece que está com medo é a chamada "grande mídia".

E outra, a Petrobrás é um *patrimônio do Brasil*, e deveríamos todos serem seus defensores.

O discurso nacionalista predomina nesse comentário com a afirmação de que devemos “defender um patrimônio do Brasil”. O aposto (Petrobrás, patrimônio do Brasil) parece colocar a empresa acima da sociedade e lembra slogans como “Brasil, ame-o ou deixe-o”, de um tempo em que não havia espaço para críticas e contestações, um tempo de exceção, que gastou 21 anos da história brasileira.

O lapso na flexão do infinitivo (serem, e não “ser”) reforça essa noção de engajamento de todos em torno de algo que nos pertence, fora do alcance de questões legais que impõem transparência administrativa e, diante do nacionalismo impregnado no texto, parecem menores.

## Texto 2

Vamos iniciar a campanha "O Pré-sal é nosso!"

Eis outro discurso nacionalista, agora com uma curiosidade histórica: nos leva de volta às décadas de 40 e 50 – um salto no tempo para mais de 60 anos atrás –, quando a campanha "O petróleo é nosso" mobilizou uma grande parcela da sociedade brasileira, como estudantes, militares e trabalhadores, em um debate nacional sobre o modelo de exploração, processamento e comercialização que o país deveria adotar para o petróleo recém-descoberto.

Entre meados do governo de Eurico Gaspar Dutra e o segundo mandato de Getúlio Vargas – décadas de 40 e 50 do século passado –, o país se dividiu entre esses nacionalistas ferrenhos e aqueles que defendiam que as atividades da indústria petrolífera deveriam ser entregues à iniciativa privada, que, à época, era representada apenas por grandes grupos estrangeiros, como Exxon Mobil, Shell e Texaco.

A campanha "O petróleo é nosso" também mobilizou figuras ilustres, como o escritor Monteiro Lobato, e Astrogildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil. A imprensa, claro, também entrou na discussão, espelhando a divisão da sociedade na época. Os jornais que faziam oposição a Getúlio Vargas, como o ca-

rioca Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda (e lembremos que Lacerda era um dos opositores mais ferrenhos de Vargas, que, quando presidente no segundo mandato, assinou a lei de criação da Petrobras), defendiam a exploração do petróleo pelas multinacionais. Isso reforça a afirmação de que os fatos históricos sempre se repetem e que os discursos se reafirmam nesse vaivém da história.

No momento em que o blog da Petrobras foi criado, havia no Brasil uma agitada discussão sobre qual modelo adotar na exploração dos recursos do Pré-sal, um imenso mar subterrâneo de óleo e gás, encontrado em águas ultraprofundas e cuja exploração pode tornar o Brasil uma potência em combustíveis fósseis comparado aos países do Oriente Médio (o governo brasileiro conseguiu aprovar no congresso o modelo de partilha para o pré-sal, diferente do modelo de concessão, em vigor para os outros campos petrolíferos). Mais uma vez, os discursos de poder político e econômico envolvem esse ouro negro que vem movendo o mundo – para o bem e para o mal – há mais de um século.

### Texto 3

*Eu pago os maiores impostos sobre combustíveis, e vc quer que nós brasileiros defedemos a PETROBRÁS? Vc é um nacionalista burro, quanto mais apanha mais burro fica.*

Agora um discurso claramente antinacionalista e que resvala para uma característica neoliberal indistigável: a do "eu pago impostos, logo...", ou "eu pago impostos e exijo...", ou ainda "eu sustento isso com os meus impostos...". Um discurso conservador que opõe o cidadão ao Estado, procurando grudar nesse Estado um emblema de "sorvedor de recursos", e, portanto, devendo estar submetido às vontades individuais em detrimento de uma coletividade para a qual o Estado, em tese, deveria voltar seus esforços.

Nesse texto temos ainda um lapso pra lá de curioso: um erro ortográfico que altera o verbo "defendermos" em seu infinitivo pessoal flexionado na terceira pessoa do plural pelo termo "defedemos",

que lembra o verbo “feder”. Analisando a dicotomia língua-escrita a partir do inconsciente, (pensa-se em algo, escreve-se outra coisa [ERNST; 1991; p. 9]), observamos que o sujeito parece se refugiar nesse lapso (Maia; 2004; p. 35) quando inconscientemente reforça a recusa em defender a Petrobras e ainda aponta para o uso de “feder” como alusão aos problemas administrativos da empresa.

Notemos que é muito comum, no vocabulário coloquial, o uso do verbo “feder” para apontar dúvidas sobre algo aparentemente irregular: “Isso vai feder!” ou “Essa coisa fede!” são expressões recorrentes. Estendendo ainda mais as possibilidades de discurso desse lapso, vêm à mente os problemas ambientais em que, com certa frequência, as empresas petrolíferas se envolvem.

Basta lembrar o acidente com a plataforma *Deepwater Horizon*, da British Petroleum, em abril deste ano no Golfo do México, com o vazamento de 5 milhões de barris de óleo cru e o derramamento de mais de um milhão de litros de óleo pela Petrobras, em 2000, na Baía de Guanabara. Vendo imagens desses desastres, sem dúvida a palavra “feder” estaria entre os termos certos para classificá-los.

#### Texto 4

Respondendo à *nobre jornalista, tão preocupada com a transparência*: o que está em jogo aqui não é o BLOG DA PETROBRAS, é a *liberdade de expressão*, a livre manifestação e circulação de ideias da WEB. Vocês acham que é um bando de gente preocupada com a Petrobras? Até pode ser, mas a questão é muito mais complexa: estou aqui, me manifestando, porque *NÃO ADMITO A VOLTA DA CENSURA que vocês estão tentando impor na WEB*.

O autor do texto inicia o comentário chamando a jornalista (Adriana Vasconcelos, responsável pelo blog) de “nobre” e “preocupada com a transparência”, o que, posteriormente, se verifica ser uma ironia, pois logo em seguida o leitor brada “não admitir a volta da censura que a jornalista e o jornal em que ela trabalha estariam tentando impor à web”. Aqui é interessante ressaltar que a jornalista

criticou a Petrobras pelo lançamento do blog Fatos e Dados, e agora o leitor, numa reação mais veemente, se coloca frontalmente contra a imprensa que, segundo ele, estaria numa posição de censora.

Outro marcador que vale registrar é “liberdade de expressão”. O leitor aponta que esse é o verdadeiro motivo do embate Petrobras – imprensa, e define os dois lados do jogo: a empresa está do lado da liberdade, e os grandes jornais (*O Globo*, jornal de Adriana, é um deles), contra. Vale ainda ressaltar a passagem em que o leitor aponta que a imprensa estaria contra a liberdade de expressão *da web* (o grifo é meu), a rede mundial de computadores, que tem o carimbo de ser um lugar do éter digital totalmente livre, longe dos paradigmas repressores do mundo não digital.

### Texto 5

Lendo os comentários, fica a certeza de que *autoritarismo* de Direita é ruim. Bom, somente, é o de Esquerda. O Quarto poder outorgado à imprensa é porque ela, verdadeiramente, assume a representação da voz e anseios das *Liberdades do povo* de uma nação. O caminhar político nos indica dias de *terror*. *A Liberdade treme*.

Sem dúvida um dos comentários mais carregados do discurso que – podemos claramente observar – vem dominando este trecho do trabalho: o discurso histórico do embate entre censura e liberdade, entre povo e mídia, entre sociedade e governo. Já podemos ver que os leitores do blog estão imersos no mesmo discurso da época do regime militar no Brasil, quando as liberdades individuais, especialmente a de expressão, foram cerceadas.

Termos como “autoritarismo”, “liberdade do povo”, “terror” e “a liberdade treme” nos levam diretamente aos chamados “anos de chumbo” do regime militar, aqueles a partir do AI-5 (assinado em dezembro de 1968) em que houve, segundo os historiadores, o maior nível de repressão à liberdade nos 21 anos de regime militar.

Foram tempos de autoritarismo, de supressão das liberdades e de terror, pois, com o aumento da repressão, aumentaram os casos de violência tanto dos militares quanto dos que se opunham ao regime, chegando mesmo a haver episódios dignos de terrorismo, como sequestros e prisões sem mandado judicial. Em análise do discurso, é desafiador e preocupante notar como essas declarações voltaram à tona em um debate sobre um mero blog corporativo.

### Texto 6

Parabéns, Adriana! *Vamos enfiar o pé na porta deles* e mostrar mais uma vez que o populismo já visto outras vezes neste país não é mais aceito. A Petrobras *está se borrando* de ter suas contas expostas. Os trambiques serão estampados nos jornais e seus favorecidos também.

A repressão do regime militar brasileiro, que prendia qualquer um sem precisar de motivos, tinha um *modus operandi* muito próprio das máquinas repressoras que usam de violência: entrava em residências sem tocar a campainha nem pedir licença, metendo o pé na porta, justamente como sugere o autor do comentário, revelando um discurso ultraconservador e repressor, com o que essas duas características têm de pior, que é a falta de respeito aos direitos individuais e o uso da força para impor medo.

Outro método de imposição do terror que os regimes repressores utilizam é a tortura, uma prática tão execrável quanto humilhante, levando a vítima a um estado de horror que a faz até perder o controle fisiológico, conforme descreveu quem passou por essa experiência e sobreviveu para contar (*in* Tortura Nunca Mais – Relato de Frei Tito). Há torturados que realmente chegam a perder o controle das funções fisiológicas. Portanto, essa expressão "está se borrando" não aparece aleatoriamente em um texto que já mostrou discursos repressores, como "botar o pé na porta".

## Texto 7

Não vi argumentos sólidos, até agora, que me convençam da falta de ética por parte da Petrobras no que tange às informações disponibilizadas em seu blog Fatos e Dados. O que se vê, de fato, é a fúria da imprensa por não ter conseguido *monopolizar tais informações* e, desta *forma*, apresentá-las de forma tendenciosa, *manipulando informações*, como é de praxe. Não me venham com essa de "liberdade de imprensa"! O que vocês querem é a *Ditadura da Imprensa!* Viva o blog!

Manipular e monopolizar informações são atitudes típicas de um regime ditatorial ou de determinada organização que tenha práticas pouco democráticas. Ao escrever esse comentário, o leitor mostra um discurso de descrença na instituição da imprensa no Brasil, pois acredita que ela é capaz de manipular e monopolizar um bem público, que é o acesso à informação clara e factual.

Segundo ele, a imprensa deseja instalar e comandar uma ditadura no Brasil, e o blog da Petrobras viria para se contrapor a esse plano mirabolante. Esse comentário revela como os discursos se valem sempre de acusações mútuas de autoritarismo, de desrespeito a princípios democráticos: o déspota é sempre o outro; eu luto pela liberdade e pelo Brasil. Salta aos olhos a intensidade com que as atitudes hoje no Brasil soam intolerantes e arrogantes, mesmo que a intenção seja a melhor possível.

## **5. Conclusão**

Com sete extratos de textos, foi possível ter uma rica amostragem dos discursos que atravessam algumas argumentações no Brasil. O que seria uma discussão sobre a iniciativa de uma empresa lançar um blog para divulgar suas opiniões transforma-se em um agrupamento de declarações onde se encontram discursos nacionalistas, slogans históricos, e expressões que remetem a épocas antedemocráticas e violentas, quando o confronto Estado X Sociedade era ainda mais exacerbado.

O que salta aos olhos – e preocupa – é como ainda vêm à tona discursos evocando momentos que se supunham superados na sociedade brasileira. Talvez fruto da democracia ainda jovem ou ainda consequência da constatação inequívoca de que os discursos se repetem na história, ou que a própria história sempre se repete.

De qualquer forma, assusta quando alguém retoma procedimentos dos piores momentos do regime militar (“botar o pé na porta”) para argumentar contra seja lá o que for. Também assustador é fazer referência subliminares a práticas de tortura (“se borrando de medo”).

Outro ponto a notar nos discursos é a desconfiança com que instituições importantes como a imprensa e o próprio governo federal (representado na discussão pelas atitudes da Petrobras) são tratadas, chegando-se a sugerir que estamos numa ditadura e que o outro lado está contra a liberdade de opinião.

Os discursos marcam uma polarização política que parece sempre apontar para disputas de poder (em alguns casos, disputas eleitorais), e isso inclui alçar uma empresa a posições de legítima representante da nacionalidade, acima de possíveis erros. Defender essa instituição significa defender a própria nação.

Mas é nesses momentos que podemos reconhecer aquilo de que falou Pêcheux quando apontou que a memória histórico-social se sobrepõe à memória individual do sujeito (*apud* CAZARIN; 2005). Afinal, para defender suas posições, bastou que cada lado da contenda linguística sacasse da gaveta do tempo frases de efeito e slogans ideológicos indelévels na história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTA MAIOR (Agência). Disponível em:

[http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna\\_id=4370](http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=4370)

Relato do tortura de Frei Tito. Disponível em:

<http://www.torturanuncamais-sp.org/site/index.php/historia-e-memoria/270-relato-da-tortura-de-frei-tito>

CAZARIN, Ercília Ana. *A leitura: uma prática discursiva*. Unijuí; 2005.

CHARAUDEAU, Patrick; Uma teoria dos sujeitos da linguagem. *Langages et Societé*, nº 28; 1984.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna; 2004, p. 135-143.

MAIA, Maria Claudia G.; O lapso de escrita como refúgio do sujeito. In: MARIANI, Bethatia (Org.). *A escrita e os escritos*. São Paulo: Claraluz; 2004.

MUSSALIM, Fernanda; Bentes, A.C.. Análise do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Cortez; 2002.

PEREIRA, Aracy Ernst. Uma introdução à Análise do Discurso. *Letras de Hoje* 1991.